

# BC: Brasil tem que aprender a conviver com as turbulências no Sudeste da Ásia

Para Demosthenes Pinho, ondas de nervosismo não acabarão no curto prazo

Sheila D'Amorim, Marcelo Aguiar e Aguinaldo Novo

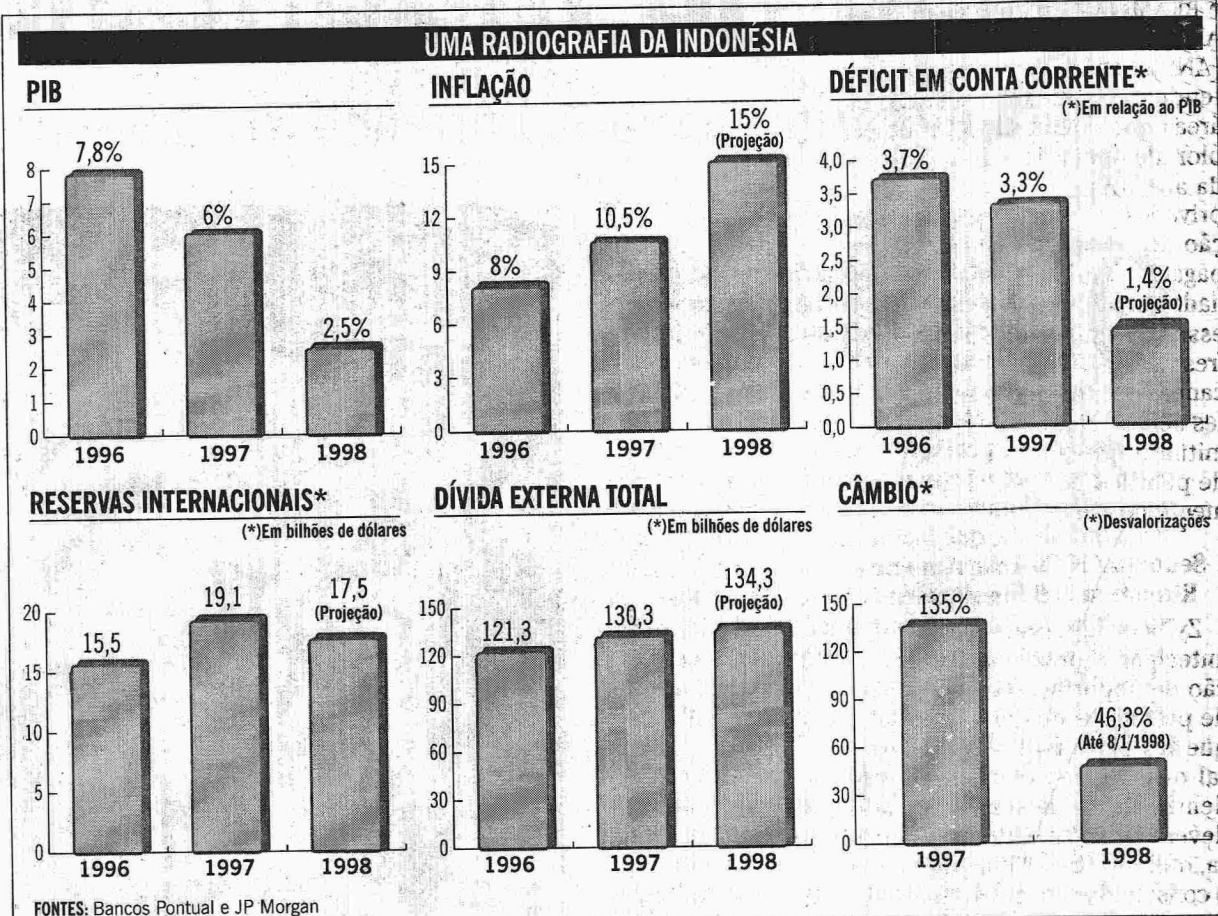
• BRASÍLIA, RIO e SÃO PAULO. O Brasil ainda vai ter que aprender a conviver com essa turbulência no Sudeste da Ásia por alguns meses. A avaliação do diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Demosthenes Madureira de Pinho Neto, é de que essas ondas de nervosismos provocadas por novas crises nos países asiáticos não desaparecerão no curto prazo. Entretanto, ele acredita que elas já não têm mais o mesmo impacto negativo para o Brasil e as chamadas economias emergentes como antes. E ressalta a coordenação internacional encabeçada principalmente pelos sete países mais ricos do mundo como uma ação importante para evitar que a situação naquela região se agrave ainda mais.

— Ninguém esperava que porque o ano terminou tudo estivesse resolvido. Mas o impacto sobre o Brasil no início de dezembro, quando havia incertezas sobre a situação da Coreia, foi muito maior do que o causado pela recente instabilidade na Indonésia — afirmou Neto, frisando que não acredita numa segunda etapa da crise da Ásia.

O diretor do BC admite que, apesar de estar havendo um distanciamento da situação na Ásia com os demais países, o Brasil ainda pode sofrer com a instabilidade naquela região. Como tem um rombo nas contas externas de 4,3% do PIB, o país precisa atrair investimentos externos. Por isso mesmo, o cenário internacional deverá mais uma vez ser decisivo na hora do Governo optar por uma redução nos juros.

Para o economista-chefe do banco Pontual, Carlos Guzzo, apesar dos investidores internacionais perceberem a diferença entre a América Latina e a Ásia, isso não impede que eles venham a sacar os recursos aplicados numa região onde estão tendo lucro para cobrir perdas no Sudeste da Ásia. Por isso mesmo, ele acredita que se continuar a turbulência, o BC adotará posição mais conservadora em relação ao juros.

Segundo Guzzo, o Governo está atento ao fluxo cambial na pri-



meira semana do mês, que registrou um saldo positivo de US\$ 595 milhões.

O economista-chefe do banco Santander, Dany Rappaport, diz que a maior preocupação hoje do Governo brasileiro é o impacto da crise nos Estados Unidos e na Europa e aposta que os juros poderão cair para 34% ao ano.

— Antes a pergunta era: se a Coreia cair o Brasil cai também? Agora, a grande dúvida é se a crise lá vai impactar a economia dos Estados Unidos e se haverá um desestímulo ao investimento no Brasil — analisa.

#### Bancos esperam novo ajuste na minibanda do dólar

O alerta do diretor do Banco Central sobre as turbulências esperadas para o ano não chegaram a interferir nas cotações do dólar no mercado brasileiro. O dia, apesar da tensão nas bolsas internacionais, foi tranquilo para os operadores de câmbio. O fluxo de dólares para o país foi positivo e fez com que o preço da moeda americana tivesse ligeira queda no mercado à vista, cotado a R\$

1,1176. A queda não foi maior porque os bancos esperam para os próximos dias um novo reajuste na minibanda que limita a oscilação do dólar.

No mercado futuro, as taxas projetadas pelos contratos de dólar cederam mais fortemente. O contrato de prazo mais curto, o que vence no último dia deste mês, caiu 0,12%. O prêmio embutido nas cotações dos contratos já está tão alto que não há mais porque as cotações subirem. Se as taxas projetadas valessem, o preço do dólar no câmbio comercial daria um salto de 1,13% em janeiro — quando o mercado espera, no máximo, 0,70%. Em fevereiro, o salto seria de 1,35%.

O clima foi mais agitado no mercado futuro de DI, no qual os bancos negociam projeções para os juros. A agitação chegou às mesas de operação, mas não foi suficiente para mostrar tendência clara para as taxas. Os contratos de prazo mais curto tiveram alta de 0,01 ponto percentual nos juros projetados, enquanto as taxas dos papéis longos cederam durante o dia.

A Indonésia é mais uma economia a estremecer na Ásia e agora está mobilizando a atenção de todo o mundo. A exemplo de seus vizinhos, a Indonésia tem baseado seu crescimento na geração de grandes excedentes exportáveis. Desde o início da década, o PIB acumula alta de 80,03%. As estimativas disponíveis mostram ainda superávit de US\$ 8,5 bilhões na balança comercial no ano passado (contra US\$ 6,9 bilhões em 1996). Com a crise nas bolsas e o risco de perder crédito no mercado internacional, essa dependência do setor externo tende a crescer.

A Indonésia torce em especial pela recuperação do Japão, seu principal parceiro comercial. Das exportações fechadas em 1997, 27,4% tiveram como destino os portos japoneses. Em seguida, apareceram Cingapura (10,1%) e Coreia do Sul (6,5%) — também afetados pela recente crise mundial. O crescimento das exportações será necessário para diminuir a sangria no balanço das contas externas, hoje no patamar de 3,3% do PIB. ■